OS ANARQUISTAS E A GUERRA

Resposta à "Acción Libertaria,,

A defesa contra a violência

"Declarada a guerra, invadido o solo dos países agredidos, arrasados os campos destruídas as cidades e maltratada até ao crime a personalidade dos civis», «fracassado o movimento revolucionário que devia ter respondido à declaração de guerra», «¿cabia outra coisa — pregunta *Acción Libertaria* — que não fôsse a defesa, legítima sempre, em quaisquer casos?»

¿Mas defesa contra quem? ¿Qual é o inimigo, o agressor, o causador e provocador da guerra? ¿E se nós pensarmos que são todos os Estados, todos os militarismos, tôdas as oligarquias financeiras e industriais e que portanto a defesa é contra todos êles? ¿E se nós estivermos todos convencidos de que tomar parte na guerra ao lado dum Estado e atribuir a outro a exclusiva responsabilidade dela é eternizar os conflitos, é lançar lenha e petróleo no incêndio, é absorver as causas e causadores fundamentais do mal?

O único meio de evitar as violências da guerra é... impedir esta. Mas desde que isso nos foi impossível e assistimos impotentes às suas fatais conseqüências, o nosso dever de revolucionários, hoje mais do que nunca, é mostrar e atacar as causas fundamentais, é não comprometer essa nossa acção essencial, é opor ao militarismo, ao nacionalismo, ao espírito guerreiro e à colaboração patriótica, fomentadora de ódios entre povos, o nosso antimilitarismo e internacionalismo anarquistas e o espírito da luta de classes. E' essa também a nossa *função específica*.

Como o é em tempo de paz, quando o próprio funcionamento normal da sociedade burguesa causa males e violências bem mais numerosos que os da guerra. Então, impotentes diante deles, embora nos sangre o coração por não os podermos sanar a todos, preferimos dedicar todos os nossos recursos e energias à nossa função específica de combater o mal pela raiz e somos amiúde obrigados, não só a desdenhar como ineficazes, mas até a impugnar como nocivos todos aqueles meios que, dando ou parecendo dar momentâneos alívios, encobrem as causas da miséria e da opressão, desviam as fôrças populares do bom caminho e contribuem para a conservação do existente.

Também nas brigas sangrentas entre partidos burgueses da mesma côr para a posse do poder (como entre nós o 14 de Maio), há mortande, violências inúteis, vinganças, vítimas inocentes, bombardeamentos. Mas, se a luta de um lado e de outro, está desde princípio inteiramente nas mãos de militarões e políticos, se não é susceptível de ser alargada e encaminhada num sentido popular e libertário, não cooperamos nela directamente, porque, sem evitar as violências, não faríamos senão acrescentar um mal a outro mal.

E os redactores de *Acción Libertaria* interveem porventura de facto na contenda, ante a realidade material das prepotências exercidas e dada a sua convicção intervencionista? Note-se que não os censuramos por isso. Lá teem as suas razões, embora não sejam tam fortes como as daqueles para quem participar na guerra é agravar o mal. Até compreenderíamos que, convencidos embora da urgência e utilidade momentânea da colaboração guerreira contra um dos imperialismos em luta, achassem preferível, sobretudo em país neutro, prosseguir na sua missão de anarquistas, antimilitaristas e internacionalistas, salvaguardando o futuro do nosso movimento e evitando teorizar e propagar uma pequena e dolorosa necessidade acidental.

Acción Libertaria vai mais longe, ainda. Não se abstêm sòmente: se não estamos em êrro, é partidária da neutralidade espanhola. Julgando embora necessário e eficaz guerrear o imperialismo alemão ao lado dos Aliados, vendo embora o espectáculo horrível das violências e invasões, *Acción Libertaria* entende que o povo espanhol não deve intervir e que tem outras tarefas a executar. Em nome de certos princípios, nacionalistas ou internacionalistas, estatais ou anarquistas, acha bem que o proletariado da península «cruze os braços» ante a chacina e a fôrça e abandone os povos agredidos à sua sorte.

E pregunta-nos se a conduta antiguerrista dos revolucionários não pode passar por um caso de cobardia colectiva!

¿E' então cobardia agir segundo a própria consciência e as próprias ideas? ¿Devemos então seguir o povo em tôdas as suas lutas irreflectidas e em tôdas aquelas em que êle é instrumento cego dos dominantes? ¿Havemos, então de justificar os socialis-democratas alemães e austríacos, que compartilham a sorte do seu povo? ¿E não invoca êste igualmente o «perigo comum» da invasão russa e duma coligação de potências contra a pátria?

Os revolucionários teem agora muito em que aplicar e manifestar a sua coragem e energia, na luta contra o seu verdadeiro inimigo, contra as arrogâncias crescentes da reacção, contra o espírito patriótico e militarista, contra os propósitos e tendências de conquista. E a opinião vai compreendendo. Na Inglaterra, o *Labour Leader* aumenta rápidamente a sua tiragem, sobretudo depois que a polícia o assaltou, apreendendo-lhe dois números e as edições de vários opúsculos: nos últimos doze mezes o aumento foi de catorze mil exemplares. No fim da guerra, ante os resultados, o povo compreenderá ainda melhor.

E depois, se *Acción Libertaria* se refere apenas aos efeitos da guerra, ao "facto material,, das violências, não poderá basear sôbre isso nenhuma conduta geral, uniforme e definida dos revolucionários sociais perante o conflito.

Repelir as violências do soldado invasor como quem repele as prepotências do esbirro nacional, está muito bem: bom seria que assim pudessem fazer os anarquistas. E felizes são os revolucionários que encontrem ocasião de combater êsse soldado, não como "inimigo nacional,, mas como inimigo de classe ou instrumento dele. Uma greve, por exemolo, como cremos que foi na Bélgica a do Borinage, proporciona êsse ensejo.

Mas, como soldado do Estado, ninguêm poderá fazer semelhante distinção: há-de aceitar a guerra em todas as suas conseqüências militares e estatais. Hoje nas trincheiras do seu país, porque os seus governantes não o puderam levar a país inimigo, deterá o invasor ou, para de lá o expulsar bombardeará as cidades e as populações civis da sua própria pátria; ámanhã, será a seu turno invasor e cooperador de conquistas.

Há outra face do problema. Que quer *Accion Libertaria*: rechaçar o invasor, o «facto material» da agressão, ou contribuir para o esmagamento do imperialismo alemão? As duas coisas são diversas e não coincidem. Terras invadidas, lares devastados, cidades destruidas, paisanos maltratados até ao crime — há-os de ambos os lados, nesta conflagração. Os revolucionários teriam, pois, que combater, aqui contra os alemães, ali contra os russos, mais além contra os ingleses, os franceses ou os italianos. ¿Mas então a colaboração com os Aliados na redução do militarismo... teutónico?

Não há volta a dar-lhe: intervir na guerra como soldado do Estado é colaborar nela e nos seus efeitos directos, contradizendo a obra libertária do passado e o labor revolucionário do futuro.

A IDÉA EM MARCHA

Quando a fôrça arvorada em direito, na sua cegueira instintiva, condenou à morte o inolvidável Ferrer, a Europa revolucionária, progressiva e livre-pensadora sentiu-se tam profundamente ferida, que, num momento de bem justificada indignação, apontou a Espanha à humanidade como o país mais bárbaro, retrógrado e inquisitorial dos tempos modernos.

Na imprensa e nos comícios sempre que uma qualquer alusão à Espanha surgia, nela ia consubstanciado o rancor e o ódio que os seus crimes medievos provocavam aos humanitaristas que assistiram ao alvorecer do século XX. Era, porém, o mais humana possível cada maldição que caía sôbre o país que em seu seio agasalhou Torquemada e Cisneros, dois *ilustres* e cotados membros da igreja católica, cujo chefe supremo na sua missão *augusta* de propagar a paz e o amor, de que tanto se jatanceiam os *verdadeiros* cristãos, não intercedeu perante a Magestade solicitando o indulto de Ferrer.

Nem outra coisa era de esperar, desde que entre a cafraria da igreja impera ainda este jesuítico conceito: «*Adversus hostem aeterna autoritas.*» E Ferrer era um inimigo confesso da seita papalina.

Todavia o objecto da reacção clerical espanhola não era indiscutivelmente, aproveitar-se dos acontecimentos da *semana vermelha* para se livrar de Ferrer, mas sim aniquilar toda a sua obra, fazendo desaparecr a *Escola Moderna*.

O plano concebido nas sacristias pelos camorristas e sodomitas era de efeitos seguros se, — como eles previam na sua cegueira espiritual, — com o homem fenecesse a idêa emancipadora dos espíritos; mas, e a história o comprova, por muito espessas que sejam as paredes das masmorras, a idêa atravessa-as, iludindo a vigilância dos asseclas da mentira e, brilhante como uma aurora boreal, vai de povo em povo, de país em país, prégando a verdade e derruindo os prejuizos que o fanatismo religioso e a ignorância alimentam nas massas incultas imbuidas de preconceitos e superstições fantásticas e crentes na ressurreição do *alem*.

Sedentos de sangue, os fariseus da seita monstruosa lançam-se sôbre o corpo de Ferrer como um bando de lobos esfaimados: cada um vociferava contra o próprio *seu deus* na disputa da prêsa, esforçando-se por bem servir os interesses da comunidade terrena; e na ânsia de obter uma justa recompensa aos seus altos feitos, cada um primava na invenção de responsabilidades atribuindo-as ao fundador da *Escola Moderna*.

Morreu Ferrer?